

«EU NÃO QUERO VIVER INUTILMENTE: É A MINHA OBSESSÃO»

Apontamentos da intervenção de Julián Carrón
na Jornada de Início de Ano da *Gioventù Studentesca*

Milão, 4 de Outubro de 2013

Razón de vivir

Liberazione n. 2

La strada

Alberto Bonfanti. Em primeiro lugar quero dar as boas-vindas, sem formalidades, a todos vocês aqui presentes e a todos aqueles que estão ligados via satélite em setenta cidades em Itália e também em Espanha. Não é formalidade, porque a sinceridade e a lealdade com que vocês vivem e falam de vocês mesmos, como se depreende até das vossas contribuições, demonstra que, se estão aqui, se estamos aqui, é porque esperamos qualquer coisa: que aquele princípio de resposta que encontrámos possa crescer, se possa tornar cada vez mais uma experiência quotidiana. É sempre comovente e edificante ler as vossas contribuições, porque testemunham frescura, lealdade e sinceridade ao colocarem as perguntas mais verdadeiras, sem reticências. Escrever essas contribuições é uma ajuda para avaliarem o que vivem, para olharem para a vossa experiência e, portanto, para vencerem tantos medos que muitas vezes nascem, justamente, como escreveu a nossa amiga Debora, de «não olhar para a experiência».

Agradeço ao nosso amigo padre Carrón, que também este ano nos quis acompanhar de uma maneira especial neste princípio do ano porque, como já nos disse no ano passado, o início coloca-nos sempre perante questões decisivas da vida, acho que posso dizer que no ano passado fomos todos marcados por aquele desejo, por aquela exigência de afeição por nós mesmos que tu tinhas descrito em Outubro passado, e sem a qual vivemos como se nos faltasse o chão debaixo dos pés. Tivemos a experiência de que esta afeição por nós mesmos nasce de acolher e de reconhecer uma presença, uma pessoa que temos na frente; que nasce e cresce através do encontro com um olhar cheio de afeição pela nossa pessoa, pelo nosso destino. É esse olhar que nos permite ver melhor a nós e a realidade, como dissemos no Tríduo citando Santo Agostinho,

que, falando do encontro de Zaqueu com Jesus, disse: «Ele foi olhado e então viu» (Santo Agostinho, *Discurso 174*, 4.4). Como documentam as vossas contribuições, daqui nasce, prepotente, a exigência de contemporaneidade deste olhar. «Como sentir-se sempre abraçado, compreendido, amado assim?», escreve um de vocês. «Eu quero experimentar esse abraço a cada instante», diz outra; «desejo que este amor seja constatável» porque, como escreve outra amiga nossa, citando o filósofo francês Hadjadj, «o amor mais profundo implica uma dimensão táctil».

Sem a experiência presente deste amor a vida torna-se inútil. Mas nós recusamos esta inutilidade, não a toleramos, como escrevemos na frase de convite para este encontro. Sem este olhar amoroso vence o tédio, vence a «*dor de viver*», como nos diz a Cecilia. Mas também nós, embora tocados pela experiência deste olhar, em determinados momentos, em determinadas relações, sem a experiência da contemporaneidade desta afeição, recaímos no tédio, de maneira que a nossa vida, como o padre Medina subtilmente nos lembrou no Tríduo Pascal, oscila continuamente entre momentos em que vivemos tudo com grande alegria e outros em que nos fartamos de chorar, como escreveu a Caterina.

Em suma, na quotidianidade da vida que é o estudo, a relação com os professores, com os amigos, com os pais, os nossos interesses, as nossas paixões, estamos muitas vezes – como tu, Julián, nos disseste na tua saudação no Tríduo – «emaranhados nas mudanças de estado de espírito, travados nas nossas reacções» (30 de Março de 2013). Mas também nos disseste: «Desejo-vos que nunca fiquem presos à aparência das coisas e que favoreçam incansavelmente esse ímpeto sem trégua que é o vosso maior aliado na aventura da vida. Cristo fez-se homem, morreu e ressuscitou para permanecer na história junto de nós e para sustentar esse nosso aliado».

Então, favorecer este ímpeto sem trégua é o caminho para crescer na experiência de ser olhados e abraçados; favorecer este ímpeto sem trégua é o caminho a fazer para que a vida não seja inútil e não caia no tédio. Por isso te perguntamos: como favorecer o ímpeto de realização, de felicidade, que não nos dá tréguas? Como não viver inutilmente?

JULIÁN CARRÓN

EU TAMBÉM NÃO QUERO VIVER INUTILMENTE: A «DOR DE VIVER»

Olá a todos. Estou contente por também desta vez poder partilhar convosco a parte do caminho que o novo ano nos apresenta. Há uma ligação profunda entre as duas perguntas que o Albertino fez: «Como favorecer o ímpeto de realização, de felicidade, que não nos dá tréguas?» e: «Como não viver inutilmente?». Todos intuimos que só conseguimos não viver inutilmente se favorecermos este ímpeto, este ímpeto que encontramos em nós, como escreve um de vocês: «Quando soube o título da Jornada de Início senti-me muito provocado. Eu também não quero viver inutilmente. Esta é a urgência mais forte que experimento a cada dia: a necessidade de que a minha vida seja uma aventura fascinante». Essa é a mesma urgência que todos os grandes homens da história também sentiram. Um deles, Cesare Pavese, exprime-a assim: «Não há nada mais amargo / que a inutilidade. [...] A lentidão das horas / é impiedosa, para quem não espera mais nada» (C. Pavese, «Lo steddazzu», *Le poesie*, Turim, Einaudi, 1998, p. 104). Por isso é que *don* Giussani, com toda a sua humanidade, com aquela humanidade que sentia vibrar dentro de si, não conseguia evitar dizer aquilo que escolhemos como título para o nosso início: «Eu não quero viver inutilmente: é a minha obsessão» (L. Giussani, *Lettere di fede e di amicizia ad Angelo Majo*, Cinisello Balsamo-Mi, San Paolo, 2007, p. 33).

Como podemos enfrentar esta aventura de modo a não vivermos inutilmente? O que é que nos pode ajudar mais nesta aventura, nesta urgência de não viver inutilmente? «Nestes dias», escreve uma de vocês, «relendo a mensagem que nos enviaste ao Tríduo, impressionou-me a frase em que dizes: “Desejo-vos [...] que favoreçam incansavelmente aquele ímpeto sem tréguas que é o vosso maior aliado na aventura da vida”. Reparei que esta frase decifra mesmo toda a minha experiência deste último ano, em que tive realmente muitos altos e baixos: afastei-me muitas vezes e depois voltei. A coisa mais impressionante é que aquilo que me fez voltar sempre à *GS* não são os amigos, ou os pais, ou os professores; foi sempre o ímpeto do meu coração que me fez voltar, porque o meu coração sabe o que lhe corresponde, o meu coração é propriamente o maior aliado que tenho para viver. E é por isso que posso já não posso ter medo», porque apesar de ter altos e baixos, apesar de eu às vezes me afastar, apesar de eu às vezes poder achar estranho o que me é proposto, o coração sabe o que lhe corresponde. Por isso eu vos tinha dito que temos em nós o maior aliado, basta que o encorajemos, porque o coração grita, grita muito mais que qualquer ruído à nossa roda; e todos os nossos esforços – de cada um de nós e da sociedade – para o calar são inúteis, porque o coração, mesmo no meio do ruído permanente com que nos tentamos distrair, fica constantemente ali a gritar o que lhe corresponde, e não há nada

que o possa fazer calar. Por vezes, também, a vida coloca na nossa frente pessoas que justamente encorajaram esse coração.

Impressionou-me, no Verão, preparando os Exercícios dos *Memores Domini*, embater na figura de Maria Madalena, no dia da sua festa. A Liturgia da Igreja, para nos introduzir à contemplação desta mulher, apresentava-nos uma passagem de um livro do Antigo Testamento, o *Cântico dos Cânticos*, que descreve o que era a vida para alguém que não queria viver inutilmente – poderíamos nós dizer hoje –, de maneira que encorajava constantemente o ímpeto de realização que tinha dentro de si: «No meu leito, toda a noite, procurei aquele que o meu coração ama; procurei-o e não o encontrei. Vou levantar-me e dar voltas pela cidade: pelas praças e pelas ruas, procurarei aquele que o meu coração ama. Procurei-o e não o encontrei. Encontraram-me os guardas que fazem ronda pela cidade[e perguntei]: “Vistes aquele que o meu coração ama?”» (Ct 3,1-3).

Escutando esta passagem, disse para mim: como eu gostava de ter um pouco da paixão que vibra nesta mulher! Maria Madalena testemunha, na verdade, o coração que cada um de nós desejaria ter no mais fundo do seu ser, tanto o eu de cada um de nós é esta busca de um amor capaz de se manter firme perante os desafios da vida. E desafios temos nós muitos, meus amigos, e são enormes! O último é de hoje mesmo: quantas crianças e jovens como vocês, com centenas de adultos, perderam a vida na tragédia de Lampedusa! Um facto desses não pode deixar de abalar cada um de nós.

Por isso, o nosso coração não desiste jamais de sentir a urgência de um significado, até por causa do que aconteceu hoje. Porquê? Que sentido tem? Muitas vezes o nosso coração sente-se pequeno, impotente, para responder a estas tragédias. E perguntamos: teremos alguma coisa que possa ficar firme, que possa dar significado, que possa manter-se de pé diante de circunstâncias como estas que temos de enfrentar?

Na festa de Maria Madalena o Evangelho que se leu era precisamente o da Páscoa: «No primeiro dia da semana, Maria de Magdala foi de manhãzinha, ainda escuro, ao túmulo do Senhor.» O que foi que moveu aquela mulher para não poder ficar na cama e pôr-se a caminho quando ainda estava escuro? Porque a urgência que sentia dentro de si lhe impedia de ficar em casa tranquilamente. E então correu ao túmulo, «E viu a pedra retirada do túmulo. Correu ao encontro de Simão Pedro e do outro discípulo, aquele que Jesus amava. E disse-lhes: “Tiraram do túmulo o Senhor e não sabemos onde O puseram”. E ficou a chorar junto do túmulo, da parte de fora». Também ela teve de enfrentar não pequenos desafios; o maior que teve de enfrentar foi

quando morreu a pessoa mais significativa da sua vida, Jesus, que ela havia seguido, junto a outras mulheres, para O ajudar ao longo da vida, como diz o Evangelho. Maria teve de enfrentar a Sua morte. Portanto, para ela era normal chorar, e nós podíamos dizer: «É a vida». Sem encontrar uma presença, a presença amada, todas as manhãs seriam de fazer chorar. Depois podemos distrair ao longo do dia, mas a nossa vida continua a ser uma coisa de fazer chorar se cada um de nós não encontra o amor que torna a sua vida cheia de significado, de intensidade, de calor.

Mas nessa altura acontece o imprevisto: «Enquanto chorava, [Maria Madalena] debruçou-se para dentro do túmulo e viu dois Anjos vestidos de branco, sentados, um à cabeceira e outro aos pés, onde estivera deitado o Corpo de Jesus. Os anjos perguntaram a Maria: “Mulher, por que estás a chorar?” E ela respondeu-lhes: “Porque tiraram o meu Senhor e não sei onde o puseram”. Dito isto, voltou-se para trás e viu Jesus, ali de pé, sem saber que era Ele. Disse-lhe Jesus: “Mulher, por que estás a chorar? A quem procuras?” [A mulher podia ter respondido: «Procuro o amor da minha alma, procuro a presença que possa preencher a vida»; é por isso que a Igreja nos introduz à festa de Maria Madalena com aquela passagem do *Cântico dos Cânticos* que fala precisamente desta procura]. Pensando que era o jardineiro, ela respondeu-lhe: “Senhor, se foste Tu que O levaste, diz-me onde o puseste para eu O ir buscar”. Disse-lhe Jesus: “Maria”? Ela voltou-se respondeu-lhe em aramaico: “Rabuni!” – que quer dizer: “Mestre!”. Tornou-lhe Jesus: “Não Me detenhas, que ainda não subi para o Pai. Vai ter com os meus irmãos e diz-lhes que vou subir para o Meu Pai e Vosso Pai, Meu Deus e Vosso Deus”. Maria de Magdala foi [imediatamente] anunciar aos discípulos: “Vi o Senhor”. E ajuntou o que Este lhe tinha dito» (Jo 20,11-18).

Nesta passagem temos a resposta às perguntas que mais urgem na nossa vida: como podemos fazer face aos desafios da vida? Como viver face aos desafios que a vida não nos poupa? Que podemos nós fazer para que a nossa vida não seja inútil? O que estamos a fazer no mundo? Só respondendo à primeira pergunta de Jesus: «Mulher, por que choras? A quem procuras?», ou seja, só encontrando a presença que cada um procura, que responde ao pranto, que responde à urgência de significado, que responde ao desejo de sentido, é que Maria, quando O encontrou, teve logo algo a comunicar, a ir dizer a todos os outros: «Vi o Senhor!».

Nós vemos que temos de enfrentar esses desafios constantemente. «O que te vou contar», escreve-me uma de vocês, «pode-se resumir numa simples frase: sinto dor de viver. Para perceberes as razões deste meu mal-estar vou-te contar brevemente o que sucedeu no ano passado, incluindo o Verão, [quando uma das suas melhores amigas se foi embora para o

estrangeiro]. Eu andava inquieta, ia ao *raggio* e, quanto mais ia, mais me parecia estar cercada por uma série de moralistas que viam a Deus em toda a parte, começava a sentir-me como peixe fora da água e então decidi afastar-me dos amigos de CL; na verdade nem sequer fui às férias de Verão. Começa o Verão e é claro que me diverti, mas um divertimento muito superficial e que contudo, durante três meses inteiros, pôs de parte aquela minha dor de viver, que voltou com o início das aulas [o início das aulas é sempre o teste do que fizemos durante o Verão; pode-se tentar esquecer isso, mas regressam as aulas, regressa a vida com as suas urgências]. Nos primeiros dias foi um trauma, não tanto pelo facto de ter de ir à escola, mas pelo facto de ter dentro de mim uma tristeza infinita e uma necessidade absurda de ser amada. [Depois] decidi ir ao *raggio*. E aí começam com uma canção de Chieffo que descrevia perfeitamente a minha situação, e resolvi contar isto, pedindo inclusivamente às pessoas que uns meses antes eu tinha acusado de serem moralistas, que me ajudassem e ficassem perto de mim. Foi absurdo, porque há já alguns dias que me sinto olhada com aquela atenção que eu tinha pedido. Agora não posso dizer que sou inteiramente feliz, mas também não estou inteiramente triste». São esses desafios, a par da dor de viver, aquilo que, como Maria Madalena, cada um tem de enfrentar; podemos tentar distrair-nos por um tempo, mas o coração não cede, com o coração não se pode fazer batota.

Por isso, é uma grande consolação para cada um de nós aquilo que aconteceu a uma pessoa, a uma mulher desconhecida como Maria Madalena, porque nos ajuda a entender que não há nenhuma condição prévia, que não é necessário estar à altura de nada, que não é preciso ter dotes especiais para procurá-Lo. Inclusivamente, esta busca pode estar quase escondida no íntimo do nosso ser, debaixo de todos os detritos do nosso mal ou do nosso esquecimento, mas nada a pode evitar, tal como ninguém podia impedir aquela mulher de procurar o amor da sua alma. Para surpreender em nós mesmos esta tensão não precisamos de mais nada a não ser essa «moralidade original», ou seja, essa abertura total, essa coincidência total com nós próprios, desse não distanciamento de nós próprios que levava aquela mulher a dizer: «No meu leito, toda a noite, procurei aquele que o meu coração ama». É a mesma abertura original que podemos identificar em tantos personagens do Evangelho: são todos uns pobres coitados como nós, mas ninguém os consegue impedir de procurá-Lo, como Zaqueu, que sobe à árvore todo curioso por ver Jesus, ou a Samaritana, toda sequiosa e desejosa da única água que pode saciar a sua sede.

Perante estes personagens do Evangelho não há álibis: são todos uns pobres coitados como nós, mas todos são impelidos a procurá-Lo, todos são definidos pela procura de qualquer coisa,

pela procura d'Ele, pela paixão por Ele. É uma paixão que nos desarma de todas as nossas justificações, atrás das quais nos escondemos para não O procurarmos. Imaginem o que terá acontecido quando Zaqueu, Mateus, Madalena se sentiram chamados pelo nome. É disso que também nós precisamos. «Frequento o último ano do secundário. No fim de semana a seguir aos primeiros três dias estivemos com o professor e os amigos, no início das aulas. Havia dias em que me levantava de manhã e me sentia vazio. Nesta agitação, nesta tempestade, preciso de um ponto firme. Agora que me levanto de manhã, de que me serve? Eu espero de novo, e de novo, que o Seu rosto ressurja». Mas quando há um momento de escuridão, como é que todas as experiências que fizeram vos podem ajudar ainda? Como se apresenta para vocês aquele Rosto em cada manhã? Como tornar aquele Rosto cada vez mais familiar? É precisamente o que às vezes nos acontece, como a Maria. Maria Madalena também tinha visto muitos milagres, também ela tinha visto Jesus fazer muitas coisas estrondosas, mas diante da Sua morte chora. De que é que ela tem necessidade? Do mesmo que nós: «Espero que o Seu rosto ressurja». E é exactamente isso que acontece.

«Maria!». Como não terá vibrado toda a humanidade de Jesus para poder dizer o seu nome com um tom, com uma inflexão, com uma intensidade, com uma familiaridade tais que Madalena O reconheceu logo, quando tão-só um minuto antes O tinha confundido com o jardineiro. «Maria!». É como se toda a ternura do Mistério que nos fez chegasse àquela mulher através da vibração da humanidade de Jesus ressuscitado, agora sem véus, mas nem por isso menos intensa, aliás, com toda a humanidade de Jesus ressuscitado vibrante pelo facto de que aquela mulher existe. «Maria!». Então se compreende melhor que nunca nesse momento ela compreendeu quem era. Conseguiu compreender quem era porque Ele, Jesus, fez vibrar toda a sua humanidade (de Maria) até a fazer sentir uma intensidade, uma plenitude, uma superabundância que nunca tinha podido imaginar antes, e que só conseguia atingir na relação com Jesus. Sem Ele nunca teria podido saber quem era nem o que podia ser e tornar-se a vida, quanta intensidade e quanta plenitude podia atingir a vida.

Amigos, o que é o cristianismo senão a presença de Jesus totalmente vibrante pelo destino de uma mulher desconhecida, que lhe faz perceber o que Ele trouxe, o que Ele é para a vida? Que raça de novidade entrou na história através do modo como Cristo o comunica! Jesus fez-nos perceber o que é o cristianismo não dando uma lição, não dando uma lista de coisas que fazer, mas dizendo a uma mulher: «Maria!». É esta comunicação do ser, de «mais ser», de «mais Maria» que revela àquela mulher quem é Jesus. Não foi uma teoria, ou um discurso, ou uma

explicação, mas sim um acontecimento, aquilo que abalou todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, entraram em relação com Jesus e que os Evangelhos, na sua simplicidade desarmante, comunicam da forma mais simples que existe, simplesmente pronunciando o nome: «Maria!», «Zaqueu!», «Mateus!», «Mulher, não chores!». A comunicação de Si por parte de Jesus deve ter acontecido neles com tal força que transformou a vida deles, a ponto de não poderem já atender a nada, não poderem mais olhar a realidade ou a si mesmos senão investidos por aquela Presença, aquela voz, aquela intensidade com que fora pronunciado o nome deles. Nós entendemos isto quando, gostando muito de alguém, nos surpreendemos por tal presença ser decisiva para cada um de nós, para todos nós; pensem, então, que novidade não terá trazido Jesus para abalar tão fortemente a vida daqueles que O encontravam!

Compreende-se, então, a comoção que percorre cada página do Evangelho perante uma experiência como a do encontro com Cristo. Nós, infelizmente, já nos habituámos a estes relatos e não acusamos, muitas vezes, o embate; já é tudo óbvio, tudo já sabido! Mas que não é necessariamente assim vê-se quando um homem como o Papa Francisco nos testemunha hoje o seu espanto, por exemplo quando, falando da sua vida, diz: «A síntese melhor, aquela que me vem mais de dentro e que sinto mais verdadeira, é exactamente esta: “Sou um pecador para quem o Senhor olhou”. [...] “Sou alguém que é olhado pelo Senhor» («Entrevista do Papa Francisco às revistas dos Jesuítas», de Antonio Spadaro, *Revista Brotéria*, Agosto/Setembro de 2013, Volume 177).

Todo o acontecimento, a modalidade única de relacionar-se com o outro de um «Eu», Jesus, que entra em relação com um «tu», Maria, fazendo-a ser ela própria, aquele: «Maria!» que comove aquela mulher, aquela angústia que a invadiu, vê-se na modalidade com que ela responde: «Mestre!». Na essencialidade com que conta os factos no Evangelho, São João escreve: «Ela voltou-se» ao ouvir pronunciar o seu nome. É isto a conversão, qual moralismo! A conversão é um reconhecimento: «Mestre!». É a resposta ao amor de Alguém que, dizendo o nosso nome com uma intensidade afectiva nunca vista, nos faz descobrir que somos nós próprios. Reconhecê-Lo é a resposta a esta paixão de Alguém por ela, que desperta toda a capacidade afectiva de Maria Madalena.

É sob a pressão desta comoção, desta afeição que Maria se dirige a Jesus com aquela paixão com que diz: «Mestre!». A resposta de Maria irrompe daquela comoção única que Jesus provocou nela. Por isso a conversão é diferente, tudo menos moralismo, um esforço a realizar, mas é simplesmente a resposta cheia de afeição por Alguém que diz o nosso nome, para quem nos

voltamos – como Madalena – para não perdê-Lo; adere-se e nunca mais nos queremos afastar d’Ele.

Mas a comoção que aquela mulher sentiu, que primeiro estava na humanidade de Jesus totalmente vibrante de paixão pelo destino daquela mulher, e que se fez carne para Se comunicar através da Sua carne, através da Sua comoção, através do Seu olhar, através da Sua maneira de falar, através do Seu tom de voz, essa é a novidade, amigos, que entrou na história e que hoje, como ontem, cada um de nós no fundo, no fundo, espera. «O homem de hoje», dizia *don* Giussani há anos, «espera talvez inconscientemente a experiência do encontro com pessoas para as quais o facto de Cristo é realidade tão presente que a vida delas mudou. O que pode abalar o homem de hoje é um impacto humano: um acontecimento que seja eco do acontecimento inicial, quando Jesus levantou os olhos e disse: “Zaqueu, desce depressa, vou a tua casa”» (L. Giussani, *L’avvenimento cristiano*, Milão, Bur, 2003, p. 24).

Esse mesmo acontecimento também nos investiu a nós que estamos aqui esta tarde. Foi através da pessoa de *don* Giussani ou daqueles que o conheceram, que esse acontecimento, o eco do acontecimento inicial nos alcançou; chegou até nós através da sua humanidade e da sua vibração por Cristo de que nós fomos testemunhas, tanto assim é que não estaríamos aqui se não tivéssemos sido arrebatados pelo modo como ele nos comunicou Cristo. Ficaríamos mais conscientes do que sucedeu no encontro com *don* Giussani lendo a sua biografia (*Vita di don Giussani*), que agora está à nossa disposição e que se calhar vocês já começaram a ler. Foi *don* Giussani quem fez chegar até nós a vibração que atingiu Maria, a mesma de então, não «como» a de então, mas «a» de então, a mesma de então, amigos; o mesmo acontecimento que atingiu Maria chega agora até nós. Cada qual olhe para a sua experiência, para o seu encontro com esta diversidade humana que nos fascinou, para ver surgir, exactamente aí, o primeiro despontar do desejo de pertencer a Cristo. Na verdade, se nós não o tivéssemos encontrado deste modo, não estaríamos aqui, porque não existe outra fonte do desejo de pertencer a Cristo, a não ser a experiência de um cristianismo vivido como acontecimento, agora, do encontro com alguém que diz o teu nome. E só isso bastou para nos dar uma vontade louca de ser «Seus», de Lhe pertencer, de não perder o que significa Cristo para a vida, de não perder aquela intensidade, aquela vibração e plenitude que a relação com Jesus introduz na vida. «O que é o cristianismo», dizia *don* Giussani, «senão o acontecimento de um homem novo que, por natureza, se torna um protagonista novo na cena do mundo?» (*Id.*, p. 23).

A SUA PRESENÇA RELANÇA A AVENTURA DO CONHECIMENTO

Portanto, só se uma Presença assim tão poderosa invade a nossa vida é que já não nos precisamos de defender da realidade, de defender dos golpes das circunstâncias para poder viver. Mas muitas vezes estamos tão feridos pelo embate com as circunstâncias (pensemos no que sucedeu hoje em Lampedusa) que se bloqueia o caminho do conhecimento, e então tudo se torna verdadeiramente sufocante, porque é como se apenas víssemos a realidade pelo buraco da nossa ferida. Como Maria Madalena, que olhava a realidade através do seu pranto e não via mais nada: nem reconhece Jesus! Por isso aparece Ele, chama-a per nome e assim recomeça a partida, permite-lhe reconhecê-Lo, começar a ver a realidade de maneira diferente, porque a Sua presença é mais poderosa que qualquer ferida, que qualquer pranto; e então se abre de novo o olhar de par em par para poder ver a realidade na sua verdade. «Foi olhado [Zaqueu] e então viu». Como seria diferente a vida, amigos, se cada um de nós deixasse entrar aquele olhar, fosse qual fosse a nossa ferida, a nossa dificuldade! O que nós necessitamos é o que cantámos no início: «Para continuar a caminhar ao sol por estes desertos, para teimar que estou vivo no meio de tantos mortos [...] só preciso que estejas aqui com os teus olhos claros [que tu estejas aqui com os teus olhos claros!] [...] Para aliviar o duro fardo dos nossos dias, esta solidão que todos trazemos [...] para desfazer esta sensação de tudo perder [...] só preciso que estejas aqui com os teus olhos claros», ou seja, com a Tua presença.

Por isso *don* Giussani insiste: Jesus entrou na história para nos educar, para nos possibilitar um conhecimento verdadeiro do real; porque nós pensamos já saber o que seja a realidade, mas sem Ele o medo assalta-nos, como vemos tantas vezes, bloqueamos, e portanto sufocamos nas circunstâncias, no estudo ou nos relacionamentos. Pelo contrário, com Jesus tudo se reabre, e é como se Ele nos dissesse: «Vede que Eu vim para vos educar na verdadeira relação com o real, naquela atitude certa que vos permite um olhar novo sobre o real». Se nós não fizermos esta experiência, ou seja, se a Sua presença não é suficientemente potente para reabrir constantemente a partida, se nós não deixamos entrar constantemente o Seu olhar, a Sua presença, então vivemos a realidade como toda a gente, ou seja, sufocando em todas as circunstâncias.

Só se Jesus entrar, possibilitando um conhecimento novo, é que nós podemos introduzir no mundo um modo diferente de estar na realidade, porque todas as circunstâncias nos são dadas para isso, ou seja, para nos provocar a esse conhecimento novo, para ver o que é Jesus: uma

Presença que nos permite viver a realidade de uma forma diferente, nova. E isto faz-nos descobrir que as circunstâncias todas deixam de ser uma objecção, como tantas vezes pensamos só porque não somos capazes de ver o atractivo que elas têm dentro; somos de tal maneira definidos pela ferida que reduzimos as circunstâncias pensando já saber o que são e achando que não há nada para descobrir dentro delas, mas que se trata apenas de suportá-las; pensamos que resta somente a nossa tentativa moralista de estar à altura de suportar aquele sufoco com as nossas forças.

No entanto, se reacontece uma Presença como a que aconteceu a Madalena, o percurso do conhecimento reabre-se novamente de par em par, porque nós temos muito mais que o «saber» as respostas teóricas a todas as objecções e a todos os desafios; nós temos «a» resposta, mas a resposta não consiste em ter «manuais de instruções» para viver, porque o manual de instruções se fez carne, é uma Presença, o conteúdo é uma Presença, é um Tu, o Tu de Jesus que alcançou Maria Madalena. Como também nós vemos quando as pessoas que estão ao nosso lado tornam a vida diferente! É por isso que podemos perceber o que sucedeu quando Jesus chamou Maria pelo nome e ela sentiu a Presença que mudou completamente o seu olhar. Porque a verdade é esta relação, como escreveu o Papa Francisco ao jornalista Eugenio Scalfari: «A verdade, segundo a fé cristã, é o amor de Deus por nós em Jesus Cristo. Portanto, a verdade é uma relação» (Francisco, «Carta a quem não crê», *La Repubblica*, 11 de Setembro de 2013, p. 2). É assim também para a criança, que sabe que não sabe muitas coisas, mas uma sabe ela bem: que há o pai e a mãe que sabem, e portanto qual é o problema? Se eu estou certo desta Presença que invade a minha vida, posso enfrentar toda e qualquer circunstância, ferida, objecção, embate, toda e qualquer dificuldade, porque tudo isso me abre a esperar como o Mistério se vai tornar vivo para me sugerir uma resposta, para me acompanhar a entrar em toda a parte, até na escuridão.

Como é diferente o modo de estar na realidade quando uma pessoa tem perguntas, questões em aberto, porque então levanta-se de manhã, recita o *Angelus*, ou escuta um amigo, ou lê o jornal, ou vai para a escola, ou encontra os amigos totalmente compelido a descobrir, a captar qualquer nesga de verdade que possa vir ao seu encontro em qualquer ocasião! Então, o que é que a vida se pode tornar? É o que diz um de vocês: «Espera-me um ano bem tramado, academicamente e não só. São duas as urgências que mais sinto nesta altura, duas as coisas que mais me pressionam neste novo ano, que ainda mal começou e já me está a preocupar. Primeiro: o estudo. Este ano interessa-me desfrutar o estudo. É grande o desejo de estar seriamente diante do professor e de estudar bem [não apenas para ter boas notas, mas para o desfrutar], para poder

descobrir sempre alguma coisa mais, alguma coisa que seja interessante para mim, alguma coisa sobre mim [como é diferente a vida, assim!]. Uma descoberta deste género também é possível no estudo e é fantástico quando acontece; é fantástico quando reparas que precisamente aquela página ali, aquele autor ali, está a falar de ti, está contigo. [Mas para falar de ti e estar contigo, tu tens de estar lá, tens de levar a sério o teu coração, tens de estar lá, presente com todas as tuas exigências, porque aquela página, aquele autor, está a falar contigo!] A escola pode ser fascinante e eu desejo ardentemente vivê-la de olhos abertos e curiosos para descobri-la e descobrir-me cada vez mais. Então o problema é a minha fragilidade, a minha fraqueza, a minha incapacidade; caio logo. O desejo é grande, mas caio logo. Como pode o meu desejo levar a melhor sobre o cansaço, sobre o tédio [sobre este decair], que parecem muito mais fortes?».

«CAMINHAR É UMA ARTE»

Vejam o que vos responde o Papa: «Caminhar é uma arte», dizia aos estudantes das escolas dos jesuítas, «porque, se caminhamos sempre depressa, cansamo-nos e não conseguimos chegar ao fim, ao fim do caminho. Ao invés, se paramos e não caminhamos, também não chegamos ao fim. Caminhar é propriamente a arte de olhar para o horizonte, de pensar *aonde* quero ir, mas também de suportar o cansaço do caminho. E muitas vezes o caminho é difícil, não é fácil. “Eu quero permanecer fiel a este caminho, mas não é fácil, olha: há a escuridão, há dias de escuridão, também dias de falhanço, também dias de queda... uma pessoa cai, cai...”. Mas pensem sempre nisto [diz o Papa]: não tenham medo de falhar; não tenham medo das quedas. Na arte de caminhar, o que importa não é não cair [que é o que nos bloqueia, que nos escandaliza], mas não “ficarmos caídos”. Levantar-se logo, imediatamente, e continuar a andar. E isso é bom: isso é trabalhar todos os dias, isso é caminhar humanamente. Mas também: é mau caminhar sozinhos, mau e aborrecido. Caminhar em comunidade, com os amigos, com quem gosta de nós: isso ajuda-nos, ajuda-nos a chegar exactamente à meta a que nós temos de chegar» (Francisco, *Discurso aos alunos das escolas geridas por Jesuítas em Itália e na Albânia*, 7 de Junho de 2013).

Por isso, não se assustem com a vossa fragilidade, também as crianças são frágeis, mas nunca se cansam de levantar-se, de se porem de novo a caminho; aos tropicções, mas sempre em luta, sempre a caminho. E então tudo se torna interessante. «Também eu», diz outro de vocês, «quero descobrir aquela beleza com B maiúsculo que vejo transparecer nas pessoas, quero encarar as perguntas, o ideal contínuo de melhorar. É possível? É possível ser cada vez mais uma coisa só com Cristo?», que Cristo seja de tal maneira uma coisa só que nos acompanhe no

caminho? «Quero que a Sua presença entre definitivamente em mim e eu passe a ser uma coisa só com Ele.» É possível? Sim, é possível, com o tempo. Não é uma coisa instantânea, não é uma coisa mágica, como sucede também nas relações: as relações exigem tempo para crescer; caso contrário, não seria humano.

A familiaridade com Jesus cresce com o tempo. E como pode crescer? Usando tudo aquilo que acontece em função desta familiaridade. Que cada circunstância seja oportunidade para uma relação com Ele, como nos disse ainda o Papa no Rio: quando temos de enfrentar dificuldades, desafios na vida, nós «em quem depositamos a nossa confiança?», interroga-se o Papa. E continua: «Em nós próprios, nas coisas, ou em Jesus? [É a esta pergunta que cada um tem de responder em todas as ocasiões]. Todos temos, muitas vezes, a tentação de nos pormos no centro, de julgar que somos o eixo do universo, de julgar que somos apenas nós a construir a nossa vida ou de pensar que esta pode ser feliz pelas posses, pelo dinheiro, pelo poder. Mas todos sabemos que não é assim! Certamente que o possuir, o dinheiro, o poder, podem proporcionar um momento de embriaguez, a ilusão de sermos felizes, mas, no fim, são esses que nos possuem e nos incitam a ter sempre mais, a nunca estarmos saciados. E acabamos “cheios”, mas não alimentados, e é muito triste ver uma juventude “cheia”, mas debilitada. [...] “Põe Cristo” na tua vida, põe n’Ele a tua confiança e jamais serás desiludido! [Queres crescer na familiaridade com Ele? Põe Cristo na tua vida, porque só assim poderás verificar quem é Cristo, poderás alcançar uma certeza sobre Cristo, poderás ver se consegues tornar-te uma coisa só com Ele]. Vejam, queridos amigos, a fé produz na nossa vida uma revolução que poderíamos chamar copernicana: tira-nos do centro e coloca no centro Deus; a fé mergulha-nos no seu amor que nos dá segurança, força, esperança. Aparentemente parece que não muda nada, mas no mais fundo do nosso ser muda tudo. Quando está Deus, no nosso coração habita a paz, a doçura, a ternura, a coragem, a serenidade e a alegria» (Francisco, *Homilia na festa de acolhimento dos jovens*, Rio de Janeiro, Brasil, 25 de Julho de 2013).

E recentemente, em Cagliari, o Papa Francisco dizia: «Um jovem sem esperança [...] envelheceu antes de tempo! [...] [Há tantos] negociantes da morte [...] que [...] oferecem um caminho para quando vocês estão tristes». O verdadeiro desafio é «*confiar em Jesus*. [...] Eu não venho para vender-vos uma ilusão [disse o Papa aos jovens]. Eu venho aqui para dizer: há uma Pessoa que te pode levar adiante: confia n’Ele! É Jesus! Confia em Jesus! E Jesus não é uma ilusão! Confiar em Jesus. O Senhor está sempre conosco» (Francisco, *Discurso para o encontro com os jovens*, Cagliari, 22 de Setembro de 2013). Vocês querem crescer nesta familiaridade?

Confiem em Jesus, entrem na realidade com Ele, porque é isso que nos faz estar sempre presentes no real, que nos faz estar atentos a tudo quanto acontece.

«O que é que eu preciso?», pergunta-se uma de vocês; «ter em mente esta pergunta tem-me ajudado a viver cada circunstância e admirei-me por estar tão atenta», porque só quando temos perguntas, amigos, é que estamos atentos. «Eu desejo estar atenta a todo o instante». Só se nós deixarmos em aberto as perguntas, só se não recusarmos os desafios, é que poderemos captar uma resposta em tudo o que nos acontece na vida. Por isso, o nosso caminho é humaníssimo, não é feito de alucinações ou de «visões», mas é a participação numa fascinante aventura de conhecimento, que nos faz descobrir cada vez melhor o atractivo que está contido em todo e qualquer limite, em toda e qualquer dificuldade, porque qualquer objecção ou qualquer circunstância, por muito que doa, tem sempre dentro algo de verdadeiro. É o que temos necessidade de descobrir. Para isso é preciso procurar. «Durante dois anos», diz ainda um de vocês, «eufórico, despreocupado, irritado, procurei consciente e inconscientemente uma coisa existencial para a minha vida, que me parecia ter perdido irremediavelmente. Todavia, o que eu ganhei nesta confusão contínua foi uma tristeza de fundo, que nunca me abandonou, e a noção terrível de eu próprio me ter perdido cada dia mais, de ter perdido a vida vivendo, como diria Eliot. Nós, porém, como diz Chesterton, nós todos temos necessidade de ser encontrados. Eu durante dois anos andava angustiado, não me tinha mexido. Só agora fui regenerado quando, voltando à comunidade, vivendo o encontro com Jesus através da companhia dos amigos, me senti arrancado da confusão dos últimos anos e fui restituído a mim mesmo [Jesus entrou na história, amigos, para nos restituir a nós mesmos!]. E digo “Jesus” porque na relação com o amigo professor, e na relação com outros amigos que conheci durante o Verão, fiquei tão espantado pela sua forma de estar no mundo, livre, apaixonada, viva, que não pude deixar de surpreender naquelas caras qualquer coisa mais que humana; algo “mais que humano” [isto é, o divino], passava dentro e através da vida daqueles homens».

Só assim Jesus se torna presente, continua a chamar-nos pelo nome e continua a fazer-nos companhia na vida para podermos viver esta aventura sem sermos sorvidos pelas circunstâncias – quaisquer que sejam –, sem perder a atractividade do viver. Só assim podemos não perder a vida e não viver inutilmente.

Boa aventura, amigos!